

# Luizinha e Vidinha: protótipos femininos na literatura brasileira do séc. XIX

Edwrigens Aparecida Ribeiro Lopes de Almeida

**Resumo:** Este estudo tem o propósito de examinar a postura feminina no século XIX na obra literária *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antônio de Almeida, e tem como referência o comportamento, respectivamente, passivo e transgressivo, das personagens Luisinha e Vidinha.

**Palavras-Chave:** Mulher, Transgressão, Subordinação, Casamento, Patriarcalismo.

**Abstract:** This study has the purpose to examine feminine profile in the 19<sup>th</sup> century in the literary work *Memórias de um Sargento de Milícias* by Manuel Antônio de Almeida, and has as reference behavior, respectively, passiveness and transgression, of the characters *‘Luisinha’* and *‘Vidinha’*.

**Keywords:** Feminine, Transgression, Literary work.

*Entre meninas e meninos, o corpo é, primeiramente, a irradiação de uma subjetividade, o instrumento que efetua a compreensão do mundo: é através dos olhos, das mãos e não das partes sexuais que apreendem o universo.<sup>1</sup>*

A chegada dos portugueses ao Novo Mundo trouxe consigo tradições e formas particulares de uma or-

Edwrigens Aparecida Ribeiro Lopes de Almeida. Mestranda em Literatura Brasileira pela UFMG. Bolsista da CAPES.

<sup>1</sup> BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo. 2 A experiência vivida*. Trad. Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980, p. 9.

ganização social. Essa organização fazia-se, especialmente, no campo da organização familiar e do controle da sexualidade.

As relações sociais e amorosas eram regulamentadas pela orientação ética, pela catequese e pela educação espiritual, além de exercer severa vigilância doutrinal e de costumes pelo sermão dominical, pela confissão e pela ação da Santa Inquisição, que por aqui passou entre os séculos XVI e XVIII, explica Mary Del Priore<sup>2</sup>. A mentalidade patriarcal, de superioridade do homem sobre a mulher, foi intensificada pela ação da igreja, que explorou as relações de dominação entre os sexos. Essa relação de poder marcou o convívio familiar e condenou... “a esposa a ser uma escrava doméstica exemplarmente obediente e submissa. Sua existência justificava-se por cuidar da casa, cozinhar, lavar a roupa e servir ao chefe da família com seu sexo”<sup>3</sup>.

Várias particularidades havia nas relações familiares da Colônia, acrescenta a historiadora. O hibridismo cultural, a vida rural da maioria da população, a ausência de escolas e de bibliotecas, os valores e hábitos diversos de famílias mestiças agirão sobre os afetos e amores. A falta de privacidade e a precariedade do cotidiano em que vizinhanças de parede-meia, casas dos senhores com muitos agregados, escravos e parentes, enfim, uma real falta de liberdade. Mesmo assim, a metrópole incentivava o aumento da população e o abrandamento das regras que dificultassem o casamento, delegando regras civis ou religiosas que controlassem o instinto sexual.

*“O instinto sexual não controlado pelas regras do casamento se transformava em luxúria e paixão nas páginas de moralistas. Ou em doença grave, nas teorias médicas da época. Ao ordenar as práticas sexuais pelos campos do certo ou errado, do lícito e do ilícito, a Igreja procurava controlar justamente o desejo. E a luta pela extinção ou domesticação do amor-paixão vem na rabeira dessa onda”<sup>4</sup>.*

<sup>2</sup> PRIORE, Mary Del. *História do amor no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2005.

<sup>3</sup> Idem, *Ibidem*, p. 22.

<sup>4</sup> *Ibidem*, p. 23.

Na Colônia, o casamento de razão era superior ao casamento de emoção. Principalmente para as mulheres, o casamento era uma tarefa a ser suportada. Esse, dentre outros motivos, fazia com que a maioria da população vivesse em concubinato ou em relações consensuais, não legitimadas pela Igreja. É certo que, nessa época, apenas membros de classes subalternas tinham liberdade para escolher seus companheiros. O fluido amoroso nessa camada da população era intenso, isto é, trocava-se facilmente de amores. Essa espontaneidade era decorrente da ausência de interesses políticos e econômicos a serem preservados. Foram nessas circunstâncias que se formou a família brasileira, pela presença masculina no campo do confronto e da vingança e a mulher moldada para a passividade e subserviência.

No transcorrer dos anos, vários acontecimentos dessa sociedade patriarcal tradicional foram reproduzidos, escritos e pintados através da arte. Em meados do século XIX, sob o correr da pena de Manuel Antônio de Almeida, é escrita a obra *Memórias de um sargento de milícias*. Essa narrativa, embora venha a público em 1852, refere-se aos primeiros anos do mesmo século, e nos revela, com sentimento de realidade, como eram estabelecidas as relações de gênero no Rio de Janeiro do dado período. A organização urbana e familiar precária dessa sociedade carioca no tempo do rei D. João VI, é retratada através dos amancebamentos, concubinatos, malandragens, favores, transgressões e pela inversão dos comportamentos femininos e masculinos no período patriarcal.

Numa sociedade sob a hegemonia do patriarcalismo, a distinção de papéis sociais é derivada, principalmente, do sexo. A educação familiar e a ação da Igreja fizeram com que homens e mulheres se distanciassem e exercessem funções definidas. Assim, desde crianças, homens e mulheres vão se habituando ao que é “certo ou errado” para cada sexo. Sendo menino, era preciso buscar sua independência, e não expressar tris-

teza através do choro, pois poderia ser compreendido como sinal de fraqueza. Para as meninas, a afetividade e a doçura eram imprescindíveis, pois simbolizavam a obediência. Devido a esse comportamento, na vida adulta, a mulher tende a passar da tutela do pai para a do marido. A transgressão dessa obediência, comenta Maria Beatriz Nader, pode acarretar em sentimento de culpa para algumas mulheres<sup>5</sup>.

<sup>5</sup> NADER, Maria Beatriz. *Mulher: do destino biológico ao destino social*. 2. ed. Vitória: Edufes, 2001.

Diferentemente do que ocorreu com as meninas, o menino era estimulado a sair do ambiente doméstico, a pular, a se machucar e se envolver com outros meninos a fim de criar mais autonomia e independência. Já a menina, era orientada a seguir o papel da mãe nos afazeres domésticos, brincar de boneca e de casinha, preparando-se para a vida adulta de doméstica, esposa e mãe. Nesse contexto, o homem passaria a ser definido pela autonomia e pela capacidade de produção, enquanto a mulher teria como características fundamentais, o acolhimento da família e a maternidade. Ocupando-se do marido e dos filhos com proteção, fidelidade, renúncia, cuidados com o futuro social, afetividade pessoal, carinho e entendimento, a mulher estaria representando um modelo de sociedade centrado na submissão feminina.

Contudo, o que a recente historiografia tem demonstrado é que, nem sempre, a mulher e o homem ocuparam esses papéis predefinidos. Interessa-nos ressaltar que, desde a Antiguidade, conhecemos relatos de resistências femininas a essas condições de subordinação e acolhimento ao sexo masculino. Conforme exposto, centramos nossa atenção nas personagens femininas Luisinha e Vidinha, criações de Manuel Antônio de Almeida, presentes na obra *Memórias de um sargento de milícias* para, sucintamente, examinarmos a postura feminina nos primeiros anos do século XIX. Como constatou Ivete Walty, nessa obra, é possível identificar “... duas faces das mulheres daquele tempo: a de vida livre e a de comportamento recatado”<sup>6</sup>. Representadas, respectivamente, neste estudo, por

<sup>6</sup> WALTY, Ivete. Implicações sociais do elemento picaresco nas *Memórias de um sargento de milícias*. Belo Horizonte: FALÉ, 1980, p. 56.

Vidinha e Luisinha, convém conferir a análise do crítico Antônio Cândido para essa representação feminina na obra:

*“Luisinha e Vidinha constituem um par admiravelmente simétrico. A primeira, no plano da ordem, é a mocinha burguesa com quem não há relação viável fora do casamento, pois ela traz consigo herança, parentela, posição e deveres. Vidinha, no plano da desordem, é a mulher que se pode apenas amar, sem casamento nem deveres, porque nada conduz além da sua graça e da sua curiosa família sem obrigação nem sanção, onde todos se arrumam mais ou menos conforme os pendores do instinto e do prazer”.*<sup>7</sup>

É perceptível, na exposição do crítico, essa reiteração da presença marcante de dois tipos de mulheres da época. Uma tem deveres a cumprir e satisfações a dar à sociedade, enquanto à outra tudo é permitido, pois não faz parte de uma sociedade organizada, mas sim, simboliza o descompromisso, a ilegalidade e a ilegitimidade.

Luisinha era uma donzela “insossa, feia e esquisita”, que nem conseguiu entrar para o rol das mais conhecidas mocinhas românticas, como constata Massaud Moisés<sup>8</sup>. Segundo observações do próprio narrador:

*“... era alta, magra, pálida; andava com o queixo enterrado no peito, trazia as pálpebras sempre baixas e olhava a furto; tinha os braços finos e compridos; o cabelo, cortado, dava-lhe apenas até o pescoço, e como andava mal penteada e trazia a cabeça sempre baixa, uma grande porção lhe caía sobre a testa e olhos, como uma viseira”.*<sup>9</sup>

Através da fala do narrador, podemos deduzir, pelas características físicas da personagem, que essa teria a incapacidade de reivindicação de seus direitos, a submissão e o medo de olhar as pessoas e as coisas de frente a fim de enfrentar seus problemas. Sendo esse protótipo de mulher burguesa, submissa, paciente e

<sup>7</sup> CÂNDIDO, Antônio. Dialética da malandragem. In: *O discurso e a cidade*. São Paulo: Duas Cidades, 1993, p. 40.

<sup>8</sup> MOISÉS, Massaud. *História da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1985.

<sup>9</sup> ALMEIDA, Manuel Antônio de. *Memórias de um sargento de milícias*. 36. ed. Rio de Janeiro, 1999, p. 53.

delicada, Luisinha casa-se com José Manuel para agradecer sua tia, Dona Maria. Como era costume do tempo, o casamento entre duas pessoas de classe média rendia alguns interesses, daí a intenção de Dona Maria no casamento, pois o noivo era bem apatacado. Dessa forma, a união legítima dos dois agradou à Tia, “... porque enfim, segundo alegava, José Manuel era um homem sisudo e de juízo, tinha corrido mundo, e não era nenhuma criança (...) que não fosse capaz de tratar bem de uma moça<sup>10</sup>.”

<sup>10</sup> ALMEIDA, *op. cit.*, p. 85.

No entanto, a união não ocorreu de acordo com os sonhos de Dona Maria. Conforme observação de Massaud Moisés, o casamento de Luisinha e José Manuel representa o modelo de casamentos à moda romântica. Legítimo, porém dotado de interesses e insensibilidades. Como destaca o próprio narrador da obra *Memórias de um sargento de milícias*, após o casamento:

*“Nunca mais Luisinha vira o ar da rua senão às furtadelas, pelas frestas da rótula: então chorava ela aquela liberdade de que gozava outrora; aqueles passeios e aquelas palestras à porta em noite de luar; aqueles domingos de missa na Sé, ao lado de sua tia com o seu rancho de crioulinhas atrás; as visitas que recebiam, e o Leonardo de quem tinha saudades, e tudo aquilo enfim a que não dava nesse tempo muito apreço, mas que agora lhe parecia tão belo e tão agradável. Tendo-se casado com José Manuel para seguir a vontade de D. Maria, votava a seu marido uma enorme indiferença, que é talvez o pior de todos os ódios. Pois a vida de Luisinha, depois de casada, representava com fidelidade a vida do maior número das moças que então se casavam: era por isso que as Vidinhas não eram raras.”<sup>11</sup>*

<sup>11</sup> MOISÉS, *op. cit.*, p. 216.

De acordo com o próprio narrador, o estilo de vida imposto à mulher casada fazia com que as transgressões ocorressem, por isso era crescente o número de mulheres namoradeiras. Comumente, as mulheres casadas não cultivavam sentimentos amorosos pelo cônjuge, já que esse tinha, na esposa, o seu objeto de prazer e de procriação da sua espécie, além de ser ela

a pessoa responsável pelos deveres da casa e pelos cuidados com seus objetos pessoais. Assim era caracterizado o casamento por arranjos e acomodações. Nessa condição, Luisinha não demonstrou sofrimento diante da morte do marido, enfim o seu choro demonstrou apenas que era uma pessoa sensível aos acontecimentos trágicos ocorridos com qualquer ser humano. Essa análise, também foi percebida por Mário de Andrade ao se referir ao anti-romantismo de Luisinha, na ocasião da morte de José Manuel. Eis o trecho das *Memórias* extraído pelo escritor e crítico moderno:

*“Estavam presentes algumas pessoas da vizinhança, e uma delas disse baixinho à outra, vendo o pranto de Luizinha: — Não são lágrimas de viúva... — E não eram, nós já o dissemos: o mundo faz disso as mais das vezes um crime. E os antecedentes? Porventura ante seu coração fora José Manuel marido de Luizinha? Nunca o fora senão ante as conveniências; para as conveniências aquelas lágrimas bastavam”*.<sup>12</sup>

Nessa forma de casamento, é comum a preocupação com as provações sociais. Diante do público, o homem se fazia presente, procurando demonstrar seu papel de esposo, carinhoso e participativo da vida familiar. Essas características, muitas vezes, não faziam parte do cotidiano do casal.

Voltando nossa atenção para o memorando Leonardo, na ocasião do “fogo no campo”, quando ainda eram crianças conheceu Luisinha, e apesar das “esquisitices” da menina, percebeu que estava amando. Porém, o destino os havia separado e ela se casado com José Manuel. Nesse ínterim, Leonardo conhece Vidinha. As características distintas dessas mulheres fazem o herói Leonardo pensar acerca do sentimento nutrido pela primeira. Vidinha se fazia encantar. Ao contrário de Luisinha, ela tocava modinhas, cantava, falava alto, enfim, participava do meio social. Leonardo então, admirava-se “... de como é que havia podido

<sup>12</sup> ANDRADE, Mário. Introdução à edição das *Memórias de um sargento de milícias*. São Paulo: Martins, 1941, p. 311.

incliná-la por um só instante a Luisinha, menina sensaborona e esquisita, quando haviam no mundo mulheres como Vidinha. Decididamente estava apaixonado por esta última”<sup>13</sup>. Vidinha era o oposto de Luisinha e seu encanto pelos homens era muito efêmero. Vejamos a descrição do narrador:

<sup>13</sup> ALMEIDA, Manuel Antônio de. *Memórias de um sargento de milícias*. 36. ed. Rio de Janeiro, 1999, p. 81.

*“Vidinha era uma rapariga que tinha tanto de bonita como de movediça e leve: um soprozinho, por brando que fosse, a fazia voar, outro de igual natureza a fazia revoar, e voava e revoava na direção de quantos sopros por ela passassem; isto quer dizer, em linguagem chã e despida dos trejeitos da retórica, que ela era uma formidável namoradeira, como hoje se diz, para não dizer lambeta, como se dizia naquele tempo. Portanto não foram de modo algum mal recebidas as primeiras finezas do Leonardo, que desta vez se tornou muito mais desembaraçado, quer porque já o negócio com Luisinha o tivesse desasnado, quer porque agora fosse a paixão mais forte...”*<sup>14</sup>

<sup>14</sup> Idem, *Ibidem*.

Pode-se perceber, também, no excerto acima, que a recepção dos galanteios de Leonardo foi diferente para cada uma das mulheres. Como Vidinha tinha uma vida mais livre, trocava de companheiros com muita facilidade. Então recebia com atenção e interesse as “finezas” masculinas, enquanto Luisinha, na ocasião dos primeiros olhares de Leonardo, saiu sem nada dizer, de cabeça baixa, indiferente aos acontecimentos. Contudo, essa indiferença não simbolizava a ausência de sentimento, mas a incapacidade de ação. Luisinha era uma moça manipulada e dominada. O casamento com José Manuel foi um “arranjo” da sua Tia.

Como constatou o narrador, Vidinha trocava constantemente de namorados. Era disputada por seus primos, e com a chegada de Leonardo, havia outro motivo para as brigas entre eles. Porém, nas discussões, Vidinha sempre tomava partido de Leonardo. Mas, Leonardo era dotado, também, do fluido amoroso, e se envolveu com a mulher do Toma-Largura. Então, Vidinha sentiu-se enciumada e ofendida pela traição.

Relata o narrador:

*“Vidinha era ciumenta até não poder mais; ora, as mulheres têm uma infinidade de maneiras de manifestar este sentimento. A uma dá-lhe para chorar em um canto, e choram aí em ar de graça dilúvios de lágrimas: isto é muito cômodo para quem as tem de sofrer. Outras recorrem às represálias, e nesse caso desbancam incontinenti a quem quer que seja: esta maneira é seguramente muito agradável para elas próprias. Outras não usam da mais leve represália, não espremem uma lágrima, (...), resmungam um calendário de lamentações. (...)*

*Outras entendem que devem afetar desprezo e pouco caso: essas tornam-se divertidas, e faz gosto vê-las. Outras enfim deixam-se tomar de um furor desabrido e irreprimível; praguejam, blasfemam, quebram os trastes, rompem a roupa, espancam os escravos e filhos, descompõem os vizinhos: esta é a pior de todas as manifestações, a mais desesperadora, a menos econômica, e também a mais infrutífera. Vidinha era do número destas últimas”*<sup>15</sup>

<sup>15</sup> ALMEIDA, *op. cit.*, p. 97/98.

Nesses diferentes comportamentos femininos diante da traição, podemos identificar a manifestação do pensamento patriarcal da época. Se “... choram aí em ar de graça dilúvios de lágrimas: isto é muito cômodo para quem as tem de sofrer...” esse fragmento denota a preferência masculina pelas mulheres de comportamento recatado, ou seja, aquelas mulheres que, mesmo nos momentos de ciúme, raiva ou tristeza, guardam o sofrimento para si próprias, não o deixando atingir outras pessoas.

Ciente da traição, Vidinha se enfurece, mesmo com as promessas de Leonardo “... de comedir-se dali em diante, e de lhe não dar mais motivos de desgosto. Vidinha, porém a nada atendia, e caminhava sempre. O Leonardo recorreu a ameaças; Vidinha redobrou os passos: voltou de novo a rogativas; Vidinha caminhava sempre”<sup>16</sup>. Percebe-se aí, o temor masculino diante da ação feminina. Decidida a vingar-se da atitude de Leonardo, Vidinha vai até a casa do Toma-Largura. Deparando-se com ele, “... Vidinha não recuou um

<sup>16</sup> Idem, p. 99.

passo, não desfez uma ruga da testa, antes pareceu mostrar que a sua presença ali favorecia suas intenções; tanto que dirigindo-se a ele o foi apostrofando também pela seguinte maneira: — É vossemecê um homem que eu não sei para que traz barbas nessa cara...”<sup>17</sup>. É perceptível que, diferentemente da passividade de Luisinha, Vidinha interfere nas ações a fim de transformá-las em seus próprios interesses. E ainda, questiona a repreensão de que teria feito alguma asneira: “— Asneira... qual... fiz o que faz qualquer mulher que tem sangue na guelra...”<sup>18</sup>

<sup>17</sup> Idem, *Ibidem*, p. 100.

<sup>18</sup> *Ibidem*, p. 101.

Reagindo à traição de Leonardo, Vidinha se envolve com o Toma-Largura, marido da amante de Leonardo. Pois, o Toma-Largura, após ser ofendido e agredido por Vidinha, se interessa por ela. Essa seria uma evidência de que, muitos homens se sentem atraídos pelas mulheres que transgridem as normas ditadas pela sociedade patriarcal tradicional. Essas relações não eram normalmente legitimadas, uma vez que, para a realização do casamento, era costume do tempo os homens buscarem as mulheres mais submissas. Com seu sentimento ofendido por Leonardo, ela buscava, em sua atitude, vingar-se da traição. “Em certos corações o amor é assim, tudo quanto tem de terno, de dedicado, de fiel, desaparece depois de certas provas, e transforma-se num incurável ódio”<sup>19</sup>. Comentando a respeito dessas resistências femininas, Simone de Beauvoir, constata: “Ela [a mulher] se irrita por ser freada pelas regras da decência, embaraçada por suas roupas, escravizada aos cuidados da casa, detida em todos os seus impulsos”<sup>20</sup>.

<sup>19</sup> *Ibidem*, p. 102.

<sup>20</sup> BEAUVOIR, Simone de. *op. cit.*

Para Leonardo, o enfurecimento e a vingança de Vidinha a tornou uma mulher desinteressante. “Tudo quanto em Vidinha havia de requebro, de languidez, de voluptuosidade tinha desaparecido; estava feia, e até repugnante”<sup>21</sup>. Sofrendo as conseqüências da postura ativa de Vidinha, Leonardo desperta as intenções de casamento com a pacata Luisinha que, agora, encontrava-se viúva.

<sup>21</sup> ALMEIDA, *op. cit.*, p. 98.

Então, logo que se seguiu a viuvez, a preocupação de Dona Maria em casá-la de novo denota que, o propósito do casamento, nessa época, era uma forma de proteção e amparo às mulheres. Durante a missa do sétimo dia, já se passava por Dona Maria “... à idéia casar de novo a fresca viuvinha, que corria o risco de ficar de um momento para outro desamparada num mundo em que maridos, como José Manuel, não são difíceis de aparecer, especialmente a uma viuvinha apatacada”<sup>22</sup>. A voz do narrador revela que, para as moças de vida recatada, o destino seria o casamento. E nessa união estaria a conotação da proteção e da estabilidade. O crítico Antônio Cândido prevê o futuro de ambas as mulheres relatadas e acrescenta, ainda, que, Luisinha virá a ser uma esposa caseira e fiel, e provavelmente, Leonardo seguirá as normas dos maridos tradicionais da época, formando um casal suplementar com Vidinha ou outra mulher, isto é, mesmo vivendo na ordem, continua perpassando pela desordem.

<sup>22</sup> Idem, *Ibidem*, p. 119.

Nessa educação de subserviência, Luisinha aceita as escolhas de sua madrinha, sua tutora e representante de seu pai, e não luta para mudar a seu destino. Como já nutria um sentimento por Leonardo desde a adolescência, com o amadurecimento, passaram a se ver de forma diferente. Como já havia passado pelos “deleites” e “sufocos” com uma mulher ativa, Leonardo, neste momento, busca a estabilidade através do casamento com Luisinha, já que essa possui todas as qualidades de uma companheira legítima. Esse casamento, por amor, ainda é contemplado pelas heranças dos dois, fator que, também, aproxima essa união dos padrões burgueses.

Abordando as diferenças de representações femininas na literatura do século XIX, Massaud Moisés constata que, por ser retratada ao natural, Vidinha roubou o papel da personagem principal, Luisinha. Nesse sentido, a personagem secundária “... se incorporou para sempre à galeria feminina da Literatura Brasileira, enquanto Luisinha se perde no *mare magnum* das donze-

<sup>23</sup> Moisés, *op. cit.*, p. 218.

las insossas que passeiam pela ficção romântica. (...) Vidinha nos mostra a face oculta, e mais próxima da realidade dos fatos, das Isauras e Rosauras<sup>23</sup>. Acrescenta, ainda, que pode ser percebida, em Vidinha, a antecipação da personagem Gabriela, de Jorge Amado, uma vez que emergem do mesmo fundo social, trazidas por semelhante visão do mundo.

Com isso posto, vale ressaltar que tanto Luisinha, quanto Vidinha são criações que, juntamente com as outras representações femininas da obra, podem revelar algumas manifestações do comportamento e do caráter das mulheres da sociedade carioca, e do Brasil, dos primeiros anos do século XIX, período, ainda, sob a hegemonia do sistema patriarcal.

## Referências

- ALMEIDA, Manuel Antônio de. *Memórias de um sargento de milícias*. 36. ed. Rio de Janeiro, 1999.
- ANDRADE, Mário. Introdução à edição das *Memórias de um sargento de milícias*. São Paulo: Martins, 1941.
- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. 2 A experiência vivida. Trad. Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- CÂNDIDO, Antônio. Dialética da malandragem. In: *O discurso e a cidade*. São Paulo: Duas Cidades, 1993. p. 123-152.
- MOISÉS, Massaud. *História da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1985.
- NADER, Maria Beatriz. *Mulher: do destino biológico ao destino social*. 2. ed. Vitória: Edufes, 2001.
- PRIORE, Mary Del. *História do amor no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2005.
- WALTY, Ivete. *Implicações sociais do elemento picaresco nas Memórias de um sargento de milícias*. Belo Horizonte: Fale, 1980.